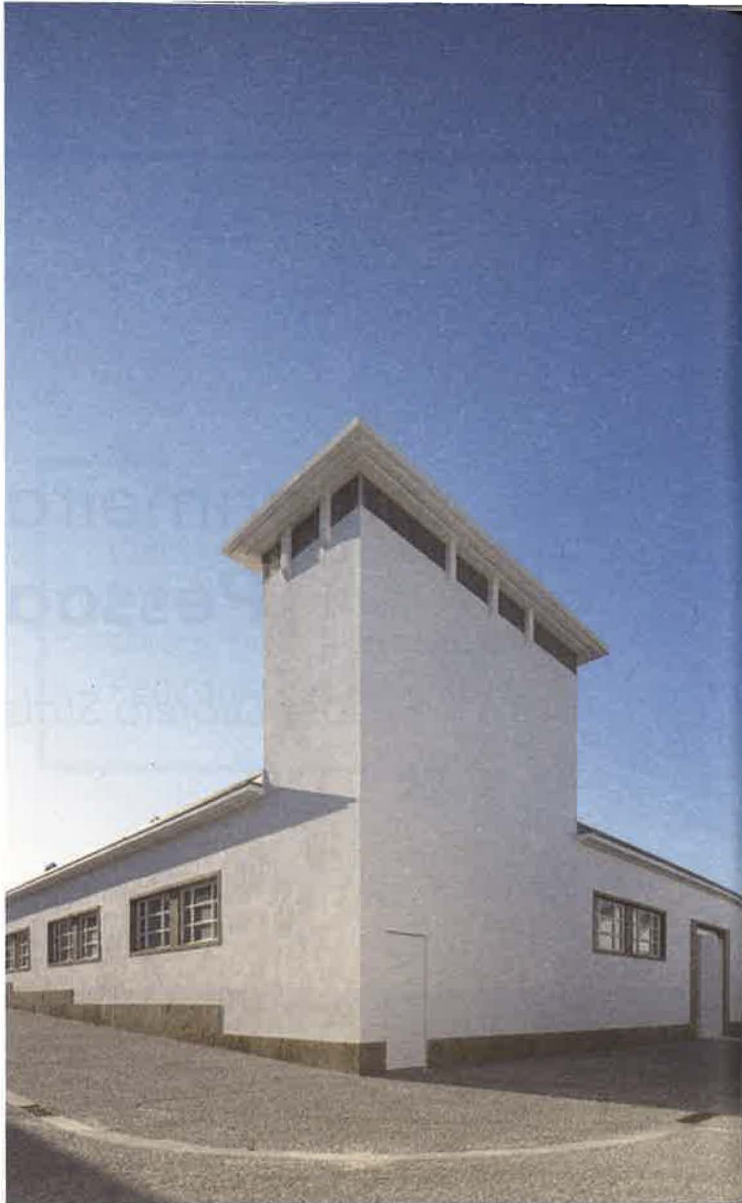


CAAC

Centro de Arte Alberto Carneiro Santo Tirso

"Tu és esta **obra** de
arte para sempre..."

De repente, quase sem darmos por ela,
entramos num mundo onde a realidade
se veste de arte.



Estamos em Santo Tirso (mais precisamente no Centro de Arte Alberto Carneiro), mas podíamos estar em qualquer outro lugar do mundo - talvez mesmo na Amazónia - tão forte é o abraço das árvores esculpidas que 'desenham' as paredes da sala de entrada.



São vários troncos, entrelaçados entre si, numa dualidade tão própria do seu criador e que permite que homem e natureza se agreguem, bem como vazio e espaço se conjuguem.

É uma viagem introspectiva, pois descobrindo a obra e o autor também encontramos elementos de identificação que nos levam a permanecer longos minutos a visualizar um quadro, ou simplesmente a absorver as formas daqueles sensuais troncos tão bem delineados e que se fundem com o nosso olhar de mero espectador.

Tudo o que está exposto funciona como um convite para que aprofundemos o conhecimento daquilo que Alberto Carneiro nos legou. O espaço deixa-nos espaço (a redundância está justificada por aquilo que aí se encontra) para absorver a arte, sonhar cada uma das peças e mesmo para pensarmos no artista e na sua potencialidade criativa.

Respira-se um ambiente estético que nos contagia e, em alguns momentos, nos faz recuar para ver determinada peça de um outro ângulo, quase como se ganhassem vida perante o nosso olhar admirado, ou perante o nosso corpo em contemplação.

Eis que surge a dúvida, Centro ou Museu? —

"A opção pela denominação centro (e não museu) foi consciente. Temos uma coleção, mas o entendimento que fizemos deste centro é que seja um ponto a partir do qual podem irradiar vários projetos, tornando-se num polo dinamizador do território", explicou Álvaro Moreira, chefe de divisão Património e Museus, lembrando: "Para além de termos uma coleção e procedermos à sua gestão, respeitarmos a trilogia-funcional

dos museus: missão, preservação da obra, investigação e divulgação. Queremos incorporar isso tudo num potencial transformador, com a criação de projetos artísticos que intervenham na comunidade".

Localizados num espaço que, durante muito tempo, foi marginal, embora no centro da cidade, começam a ganhar uma outra vida e a criar uma nova centralidade.

"A relação da população, por exemplo, com o parque escultórico é (atualmente) bastante positiva, depois de uma certa indiferença inicial, seguida de alguma contestação. Agora há uma identificação e um interesse renovado (as pessoas atribuem nomes às esculturas, diferentes dos originais) e sempre que fazemos uma instalação há uma abordagem mais esclarecida e crítica por parte dos habitantes".

Este projeto de um verdadeiro 'triângulo amoroso' que abrange a Fábrica de Santo Thyrsó, o Museu Internacional de Escultura Contemporânea e o Centro de Arte Alberto Carneiro está centrado em três áreas: arqueologia, escultura e arquitetura.

"A ideia é potenciar estas três vertentes, através de um percurso que está traçado e pode ser vivenciado por quem quiser conhecer esta diversidade de oferta", lembrou o nosso entrevistado.



“ ... na percepção estética de ti mesmo ”

Olhando o efêmero da madeira não resistimos a pensar na definição de sempre. Essa palavra tão simples que se prolonga na eternidade de um momento...de contemplação!

Existirá obra para lá do criador? Quantas vidas pode ter uma obra? Tantas quantas vezes é vista e sentida na transfiguração que o próprio tempo provoca? Ou apenas a solidão do tempo em que é criada? Olhando para a obra de Alberto Carneiro podemos ver vidas dentro da vida de cada peça e sinais de ressurreição em cada nova roupagem que o tempo lhe cola.

Vivências curiosas

"A exposição de Cabrita Reis teve uma extensão de uma obra que tinha sido feita (construção em tijolo que na altura não foi terminada) e que exigia uma destruição parcial. Essa intervenção foi feita agora, ficando uma espécie de ruína. Apesar de termos alertado as forças de segurança de que isso ia ser feito, várias pessoas apresentaram queixa às autoridades, considerando que estava a decorrer um ato de vandalismo".

Acervo para ver e estudar

Além das obras do escultor, o acervo é, também, constituído pela biblioteca particular de Alberto Carneiro, composta por mais de sete mil livros e revistas da especialidade. Este espólio foi cedido pela família à Câmara Municipal, que protocolou com os herdeiros a sua inventariação, tratamento e disponibilização pública.

A biblioteca é composta por monografias, teses académicas, atas de conferências, imprensa e livros sobre movimentos e artistas do século XX – com especial incidência no dadaísmo, construtivismo russo, neo-vanguardas dos anos de 1960, Marcel Duchamp e Alberto Giacometti, entre outros. Inclui, ainda, publicações sobre artes primitivas e artes orientais, filosofia, antropologia, etnografia, psicologia e psicanálise, que cobrem os principais eixos do pensamento teórico ocidental do século XX e, em particular, dos anos 1960-2000. Fazem também parte obras de poesia e catálogos de exposição que cobrem a atividade artística nacional e internacional ao longo dos últimos 60 anos.

Uma ecologia à frente do seu tempo

Alberto Carneiro escreveu, em 1973, 'Notas para um Manifesto de uma Arte Ecológica'. Pioneiro de uma realidade que hoje nos absorve, a verdade é que essa preocupação não aconteceu no sentido estrito da defesa do ambiente.

"A sua área de intervenção ultrapassava esse conceito. Ele entendia a ecologia como uma interação do homem e da natureza (não vista como um parque temático como a encara o mundo urbano, ou enquanto espaço de recreio e deleite), mas sim uma natureza que era vivenciada, manipulada e integrada na vida das pessoas. Era uma visão antropológica da natureza".

Muitas das obras aqui expostas (e não só) são referências estéticas das manifestações de interação entre o homem e a natureza, muitas vezes, de forma subliminar.

Conservação

Olhando para a maior das peças que estão patentes no CAAC, uma das primeiras ideias que surge (depois de admirarmos a beleza das obras) é, sem dúvida, a perenidade desses trabalhos.

A natureza é rainha e com ela traz a arte do fugaz e do momento. Os corpos de árvores intervencionados são um deleite para o visitante, mas um "desafio" em termos de conservação. "As peças estão em constante transformação. Esse é um conceito inerente às próprias peças e que torna esta obra singular".

Também, por isso, faça o convite a uma visita. Quase tudo está digitalizado para memória futura, mas é evidente que sentir as veias das árvores a palpitar, um certo cheiro de uma natureza transportada para as salas pintadas de branco, ou mesmo folhas que o tempo deixa cair pelo chão é um privilégio deste tempo que podemos usufruir. Tudo está à distância de uma viagem, mesmo assim "a divulgação é sempre a parte mais difícil para os municípios de média dimensão. É um esforço tremendo, mas para além dos suportes digitais e físicos, integramos o projeto de rede de arte contemporânea que está a ser dinamizada e poderá ser uma plataforma mais ampla de divulgação", concluiu Álvaro Moreira.

Um espaço para a arte contemporânea

O Centro de Arte ocupa um espaço com cerca de 1100 metros quadrados, composto por um piso térreo e uma cave. A sua instalação envolveu a recuperação de um dos edifícios industriais da Fábrica de Santo Thyrso, segundo um projeto da autoria do arquiteto Nuno Pinto.

Como sublinhou o presidente da Câmara Alberto Costa na inauguração: "A concretização deste ambicioso projeto cultural vem complementar o Museu Internacional de Escultura Contemporânea, inaugurado em 1997 e composto por mais de 50 esculturas ao ar livre, distribuídas pelos espaços verdes e jardins da cidade".

E realçou, ainda, que "Alberto Carneiro é um dos nomes maiores da arte portuguesa da segunda metade do século XX e do início do século XXI, autor de um vastíssimo número de obras que podemos encontrar em espaços públicos de todo o mundo".

"O trabalho começou com a realização de um conjunto de 10 simpósios (1990 a 2010) para a realização de várias peças. Em 2015 já eram 57 peças, sinónimo de que o projeto estava a crescer até originar este Centro de Arte", disse Álvaro Moreira, salientando: "Quanto à programação, a ideia é desenvolver atividades temporárias, mas que tenham como referência Alberto Carneiro, tanto a obra pública (extensa e em vários países), a plástica, mas também a vertente pedagógica".

Quem foi Alberto Carneiro

Alberto Carneiro nasceu em 1937 em S. Mamede do Coronado, Trofa, Portugal. Entre 1947 e 1958 aprendeu o ofício de santeiro nas oficinas de arte sacra da sua terra natal. Com bolsas de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian, de 1961 a 1967 estudou escultura na Escola de Belas Artes do Porto, e de 1968 a 1970 na St. Martin's School of Art, em Londres. É durante a sua estadia em Londres que toma contacto com a arte de vanguarda, retendo elementos de movimentos como a Land Art ou a Arte Conceptual, que assimila e interpreta de um forma bastante pessoal e original.

Influenciado também por algumas correntes da filosofia oriental, procurou que a sua obra fosse uma reinterpretação das tradições da escultura ocidental através da articulação que estabeleceu entre a escultura e a natureza e as suas matérias (a madeira ou a pedra, materiais com as quais preferencialmente trabalha).

Para além da sua vasta obra de escultura, Carneiro foi igualmente autor de inúmeros desenhos. Foi professor e dedicou-se a investigações sobre arte e pedagogia.

